

**Erotismo e pornografia nos periódicos feministas:  
Um estudo comparativo nos países do Cone Sul**

Luciana Rosar Fornazari Klanovicz<sup>[1]</sup>, UFSC  
[lumerosar@yahoo.com](mailto:lumerosar@yahoo.com)

Nesta fala pretendo mostrar a forma como os periódicos *Brujas* e *Persona* (Argentina) e *Nós Mulheres* (Brasil) incluíram o debate sobre o erotismo e a pornografia. Assim, além de buscar estabelecer parâmetros de comparação entre a atuação dos três periódicos, procuro perceber em que momentos e de que forma questões ligadas ao corpo – prerrogativa particular da Segunda Onda – foram alvo de atenção ou crítica das feministas no Brasil e na Argentina. É preciso pontuar, porém, que este trabalho escrito é fruto de reflexões iniciais sobre a temática principalmente no que refere aos países do Cone sul, pois este trabalho de pesquisa e análise está apenas começando.

*Nós Mulheres* foi publicado no Brasil entre 1976 e 1978, somando oito edições, e era organizado por militantes feministas do grupo clandestino *Debates*. Na Argentina, a revista feminista *Persona* circulou em três fases diferentes: a primeira com edições mensais a partir de outubro de 1974; a na terceira no ano de 1983, planejada para ter edições mensais, mas intercalando números bimestrais. Na terceira fase, a tiragem de *Persona* tornou-se restrita ao número de assinantes. Já o periódico *Brujas* circulou desde 1983.

Em momentos distintos e sob formas particulares, *Persona*, *Brujas* e *Nós Mulheres* discutiram a “condição feminina” das décadas de 1970 e 1980, levando em consideração as especificidades da luta política e do mundo privado no Brasil e na Argentina.

*Persona* e *Brujas* eram periódicos que compartilhavam a idéia de mobilizar as mulheres para as mudanças na sociedade argentina principalmente em relação às questões feministas da segunda onda. No entanto, falavam de lugares distintos, ou seja, foram constituídos por grupos diferenciados. De acordo com Lucrécia Oller, a orientação política de tais periódicos era diferenciada, “*Brujas* era um grupo de esquerda”.<sup>[2]</sup> Leonor Calvera afirma que *Persona* tinha uma “boa linha feminista, era de direita.”<sup>[3]</sup> Ao analisar tais revistas, de forma comparativa, podemos perceber que enquanto *Persona* traz as questões relativas à sexualidade de forma menos explícita, em *Brujas* as questões giram, principalmente, em torno da opressão, exploração<sup>[4]</sup> e política sexual.<sup>[5]</sup> Assim, a sexualidade e o erotismo são argumentos para uma reivindicação politicamente engajada nessas questões, mais do que outros periódicos, inclusive brasileiros.

Em 1984, o periódico feminista *Brujas*, em meio à abertura democrática argentina, publicou o artigo “*Los magros traseros femeninos*”, cuja autoria era de Hesperia Berenguer. Nesse artigo, a

autora conceituou o corpo das mulheres como objeto passivo da publicidade, analisando, especialmente, a ênfase dada ao traseiro feminino na sociedade de consumo.<sup>[6]</sup> Hesperia Berenguer questionava: se as mulheres também votam nas urnas, “por que esta profusão constante dos glúteos das mulheres? O que significa a hierarquização desta parte anatômica da mulher?”<sup>[7]</sup> A autora criticava a utilização de uma imagem andrógina de um traseiro (que tanto poderia ser de uma mulher como de um homem), que teria sido feita pela publicidade como forma de demonstrar uma “igualdade entre sexos”. Porém, destacava que tal iniciativa era nefasta na medida em que “seria uma de tantas distorções masculinas para desviar e impedir a real luta pela igualdade dos direitos das mulheres com a qual está embandeirado há tanto tempo, o movimento feminista mundial e que, com diversos resultados, continua sem descanso”.<sup>[8]</sup>

No mesmo número, outro artigo encarava a pornografia de forma direta em “La mujer fatal: ¿pornografía finisecular?” Nesse caso, o longo texto demonstrava preocupação em discutir o uso da pornografia na constituição de uma imagem fragmentada do corpo feminino: “A razão de ler, olhar e pensar o que era a pornografia, começava a ver nossa cultura como grande exemplo da pornografia (mesmo em imagens não sexuais) e a ver a pornografia como algo essencialmente misógino e perigoso para as mulheres”. A autora viu-se obrigada a pensar sobre pornografia, mundo eminentemente masculino, por conta do tema que estudava: a mulher fatal. Ela constatou em uma pesquisa na Argentina, que “tanto para os homens como para as mulheres, o conceito de mulher era positivo, desejável e interessante. Em nenhum caso se relacionava a mulher fatal como algo anti-natural, mitológico, nem fantasioso. Para os dois sexos existia a crença em carne e osso de uma mulher fatal”.<sup>[9]</sup> De acordo com o texto, a mensagem transmitida pela mulher fatal na pornografia era a de que “antes era incontrolável, selvagem, porém por fim chegou o homem que lhe sabe dominar. [...] E ela, feliz e contente de ser manipulada, dominada e abusada, remete-nos à ideologia pornográfica: incomodamo-nos se não somos assim; a base do mito de masoquismo da mulher é que todas gostamos de um homem que nos domine.”<sup>[10]</sup>

Ao questionar o que é a pornografia, o texto refletia a tensão provocada pela idéia não muito bem recebida de que “vivemos em uma cultura pornográfica”; assim ou se sentiram implicados ou ameaçados, ou chamaram-nas de “feministas exageradas que odeiam os homens”. Em meio a tais tensões, o artigo se posicionava de forma contrária à pornografia:

*Es encaje negro que a la vez cubre y deja descubiertas partes de la anatomia femenina; es un zapato con tacón exageradamente alto y delgado que no sirve para andar, ni mucho menos para correr; es una boca y unas uñas tan rojas que recuerdan la sangre; es un objeto de cuero, como pueden ser las botas militares, quizás un látigo, que asociamos con el dolor o con la dominación; es un objeto fálico, como puede ser una espada: objeto de dolor, de daño.*<sup>[11]</sup>

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Nesse sentido, o texto apontava para a reflexão sobre a pornografia: “como mulher, dói só de olhar esses objetos e símbolos de tortura, porque sabemos que é com nosso corpo que se pode pensa em levar a cabo o jogo sádico”. Em tal jogo, “a pornografia é uma mulher sem cara, nada mais que um corpo, ou fragmentos de um corpo para nos ensinar a idéia principal: todas as mulheres não são mais que um corpo; o corpo de uma pode ser substituído pelo de outra porque carecemos de alma, espírito e inteligência”.[\[12\]](#)

Por conta da censura a pornografia estava fora de circulação. No entanto, não existe somente um tipo de pornografia, e, de acordo com o artigo, na pornografia atual mundial se distinguem duas correntes: a chamada "dura" (*hard core*) e a "branda" que mostra a fragmentação e/ou exibição do corpo da mulher como objeto (é o que predomina agora na televisão e nas revistas de modas). Para a articulista, muitas vezes essas duas correntes se confundem, porém, ainda que isso não ocorra, “não deixem que digam que a "branda" é menos perigosa, e circula pelas mídias argentinas tranqüilamente”. A perspectiva negativa era enfatizada novamente e tomava, para tanto, um exemplo de um anúncio veiculado pela televisão argentina:

Não duvidemos que o objetivo da pornografia não é o ato sexual, nem sensual, mas sim a violência, a dominação, o controle e sim, a dor. Notaram os anúncios da televisão ultimamente? E chamou Dop, por exemplo, para vender seu produto, aponta a câmera a infinitos traseiros femininos, enquanto uma nova geração de meninos vão cantando "Dos por Dop..." pela rua, assimilando inconscientemente imagens que buscarão nas mulheres quando forem adultos. O que vocês acham de ver lábios, línguas, pernas e peitos de mulher usados para vender produtos que perpetuam esse ideal pornográfico?[\[13\]](#)

Tal questionamento nos lembra o que Denise Bernuzzi de Sant'Anna afirma, em Políticas do Corpo: que o corpo não cessa de ser (re)fabricado ao longo do tempo. A autora aponta que, em relação aos estudos sobre o corpo, é preciso “tornar questionáveis os gestos e as atitudes que ontem e hoje nos parecem familiares ou não. Pois o corpo é, ele próprio, um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história.” [\[14\]](#) Por sua vez, em Corpos de Passagem, Denise B. de Sant'Anna disserta sobre um corpo sem limites no interior de um totalitarismo fotogênico. Um corpo marcado pela perda da intimidade na demanda por sua exposição. Para ela, essa tendência tem adquirido grande espaço nos anos 1970 e 1980: “Há uma multidão de corpos que parecem estar literalmente sob o sol do deserto, sem abrigo, sem segredo, sem diferença entre o lá e o aqui, esturricados pela exposição midiática, destituída de pausa.”[\[15\]](#) Ou seja, na exposição publicitária apontada pelo artigo argentino, os corpos femininos estão “esturricados” e sem abrigo, numa “exploração branda” de si.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

A presença desses artigos nos periódicos mencionados aqui, aponta para o fato de que tal problemática estava sendo alvo de investigação das feministas argentinas, ao assinarem ou publicarem textos de feministas que atentavam para a questão de que o privado é político.

No primeiro artigo citado, percebemos a influência de Adrienne Rich. Isso se dá não apenas na ênfase da crítica da dominação masculina via crítica ao patriarcado, mas também porque uma citação dessa autora está situada ao lado do título do artigo: “*El cuerpo de la mujer es el terreno sobre el cual se construyó el patriarcado*”.

De acordo com Juraci Andrade de Oliveira Leão, uma das características marcantes de Rich, poeta e ativista norte-americana, é o “uso das imagens do corpo para falar de sua ação política e para descrever as relações de dominação sofridas pelas mulheres ao longo dos anos”. Nesse sentido, na “busca por compreender o processo de discriminação sexual, ela retoma a questão do corpo como uma das principais premissas que justificaram o domínio de um gênero sobre o outro”. Leão afirma que, “o retorno ao corpo e a análise da construção cultural discursiva em torno dele possibilitam a compreensão do processo que legitimou a relação de dominação na sociedade”.[\[16\]](#)

Em 1985, o artigo *Heterosexualidad obligatoria y existencia lesbiana*, de Adrienne Rich, anteriormente publicado na revista *Nosotras* em 1980, foi republicado em *Brujas*. De acordo com *Brujas*, o texto de Rich desmistificava todo um discurso patriarcal sobre a sexualidade das mulheres, que tinha pesado sobre suas vidas.[\[17\]](#) No número seguinte, o texto foi retomado, em virtude da extensão. Dessa forma, ficaram caracterizados os espaços do poder masculino na imposição da heterossexualidade: 1) de não permitir às mulheres (nossa própria) sexualidade; 2) E a imposição da sexualidade masculina sobre elas; 3) De dispor e utilizar seu trabalho para controlar sua produção (maternidade); 4) De controlar ou tirar-lhes os filhos; 5) De confinar-lhes fisicamente e impedir-lhes a liberdade de movimentos; 6) De usá-las como objetos em transações entre homens; 7) De constranger sua criatividade; 8) De negar-lhes o acesso a extensas áreas do conhecimento social e avanços culturais.[\[18\]](#)

Nessa perspectiva, a autora mostrava a pornografia como função de influência para a consciência. Ela afirma que esta é uma questão polêmica na atualidade na medida em que “uma indústria de bilhões de dólares tem o poder de difundir imagens de mulheres cada vez mais sádicas e degradantes”[\[19\]](#). Porém, a autora incluía também a pornografia branda e a publicidade “que representam as mulheres como objetos de apetite sexual, carentes de contexto emocional ou personalidade ou sentido individual: essencialmente uma mercadoria para ser consumida por homens”[\[20\]](#). Para Rich, a mensagem mais perniciosa da pornografia era

que as mulheres são as presas sexuais dos homens e que eles gostam disso; que a sexualidade e a violência são congruentes e que para as mulheres o sexo é essencialmente masoquista; a humilhação, prazer, e o abuso físico, erótico. [...] A pornografia não só cria

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

um clima no qual a violência e o sexo são intercambiáveis, amplia o espectro da conduta considerada aceitável nos homens no coito; conduta que despoja reiterativamente às mulheres de sua autonomia, dignidade e potencial sexual, incluindo o potencial de amar e ser amadas por mulheres mútua e integralmente.[\[21\]](#)

No número 14 do mesmo periódico, a temática da opressão do patriarcado sobre a política sexual foi retomada no artigo *Apuntes sobre la politica sexual*, de Martha Fontenla. Na mesma linha de Rich, a autora apontava a presença do poder e do controle dos homens sobre todos os aspectos da vida das mulheres e principalmente por meio do controle de seus corpos:

Nossos corpos são considerados propriedade individual e coletiva dos homens, que cristalizam essas duas diferentes formas de apropriação nas figuras de esposa e de prostituta, ainda que na realidade todas as mulheres - mesmo as chamadas 'liberadas' - somos objetos, ao menos, de apropriação coletiva.[\[22\]](#)

Nos EUA, não apenas setores como a direita de política radical (contra o aborto, contra a pornografia, contra o uso de letras obscenas) trabalhavam a favor da censura. Vozes feministas fizeram-se ouvir em relação à pornografia como uma reação justamente a esses grupos. Maria Filomena Gregori mostra que uma retomada moralista ocorreu nos anos 1970, promovida por um movimento intitulado *New Right*. Segundo ela, esse foi um movimento organizado

por políticos republicanos e lideranças religiosas a partir de uma agenda que priorizava questões sexuais. Entre as demandas, medidas e tentativas de alteração de leis estavam a criminalização do aborto, o impedimento de extensão de direitos aos homossexuais, propostas variadas para que as mulheres deixassem de atuar na esfera pública, dedicando-se ao lar e à prole etc.[\[23\]](#)

A autora afirma que a reação das feministas a esse grupo de 'direita' fez surgir paradoxalmente um moralismo feminista contrário à pornografia. Tais grupos identificados como feminismo radical, tinham como composição parcela da comunidade feminista lésbica.[\[24\]](#) Esse tipo de feminismo lutava, portanto, contra as instituições heterossexuais como a pornografia, a prostituição, a pedofilia e a promiscuidade sexual.[\[25\]](#) Somente no início da década de 1980, outras vozes do movimento feminista, também advindas da comunidade lésbica, posicionaram-se para o contra-ataque. O marco desse grupo ocorreu em 1985 numa conferência realizada em Nova Iorque, que reuniu feministas heterossexuais e lésbicas que “apoiavam e tomavam como objeto de reflexão as alternativas sexuais que implicam no prazer dos parceiros, inclusive, aquelas práticas que estavam sob alvo das feministas radicais.” [\[26\]](#)

Como pudemos observar nos exemplos citados acima, o periódico argentino *Brujas*, por exemplo, parecia acompanhar os reflexos das discussões das feministas norte-americanas, pelo menos na ampliação de suas temáticas. Assim já mostrava-se preocupada com a aparição de

publicações de caráter pornográfico na Argentina em pleno processo de abertura democrática de 1984:

*Ha comenzado la apertura hacia la democracia. Esto sin duda abre nuevas posibilidades para al desarrollo del movimiento feminista, la libre expresión de ideas. Pero también ha comenzado a ser utilizada por esa forma de “destape” que constituye la otra cara de la censura, y que se manifiesta fundamentalmente en la aparición de todo tipo de publicaciones de carácter pornográfico, algunos inclusive con pretensiones “culturales” o informativas, en los cuales, el cuerpo femenino es intencionalmente degradado.*[\[27\]](#)

O editorial de *Brujas* mostrava a preocupação de feministas com o processo de abertura democrática, em termos positivos (a possibilidade novas articulações do próprio movimento) e negativos (uma liberação da pornografia travestida de pretensões culturais). No Brasil, em meio ao debate pós-militar sobre o fim da censura, uma onda erotizante pode ser observada em diversas produções, tais como publicações, anúncios publicitários e telenovelas de grande audiência. Na imprensa brasileira de circulação nacional, esse processo – marcadamente heterossexual e investido sobre o corpo das mulheres – sofreu poucas críticas, tanto dos telespectadores, quanto dos leitores de revistas de grande tiragem como a *Veja*. Para esse público, a erotização ou os traços pornográficos ligados à imagem de mulheres não foram alvo de telefonemas e nem de abaixo-assinados que exigissem o corte ou a supressão imediata de determinadas personagens.[\[28\]](#) Isso é visível por conta das novelas com alto índice de audiência; novelas onde figuravam personagens como “Gabriela” (Gabriela), “Viúva Porcina” (Roque Santeiro), “Dona Beija” (Dona Beija), “Juma” (Pantanal), entre outras, que não sofreram riscos de censura, pois não alteravam a heterossexualidade normativa, tanto pelos órgãos governamentais quanto pelos telespectadores.

No Brasil, tais vozes dissonantes do movimento feminista não foram percebidas ao longo da década de 1980, na grande mídia. No espaço da mídia impressa representada pela revista *Veja*, não há evidência de que as feministas brasileiras tivessem se posicionado sobre temas ligados ao erotismo ou à pornografia de filmes e novelas de altos índices de audiência. Talvez porque esses temas não estivessem nas agendas que decidiam os assuntos a serem debatidos e combatidos no espaço público pelo movimento. Esse silêncio pode não ter ocorrido em outros espaços.

Se o movimento feminista brasileiro não se articulou sobre essas questões na imprensa nacional, o artigo de Ângela Zirolto,[\[29\]](#) publicado na revista feminina *Nova* foi único nesse sentido. Ele mostrou o posicionamento da mulher diante da pornografia de 1980, ou seja, ainda em tempos de ditadura militar. Ângela Zirolto iniciava sua problemática diante de um “algo novo” no Brasil, o que ela chamou de “massificação da pornografia e do erotismo.” Massificação contida em diversos segmentos como figuras, fotografias, filmes, espetáculos, obras literárias que, segundo a autora, sempre existiram no país, mas de forma mais velada. A diferença residia no fato de que, em

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

1980, era a “facilidade de acesso do público consumidor a este tipo de material” que incomodava: “Hoje, em qualquer banca de revistas há material erótico e pornográfico para qualquer tipo de gosto.” [30] A autora argumentava que esse fenômeno parecia ser dirigido para um público específico, aos homens, pois as empresas não consideravam as mulheres como “consumidoras diretas dos produtos eróticos ou pornográficos.”[31]

Ângela Zirolto colheu alguns depoimentos que, em sua maioria, traziam um repúdio a essas práticas, concordando, dessa forma, com a visão das empresas. Na verdade, segundo o artigo, poucas mulheres demonstravam interesse ou ainda tinham medo de admitir (conclusão tomada pela autora). Interessante perceber a forma como foi diferente a aprovação ou não dos desejos admitidos por elas: “A maioria aprova o erotismo – como uma coisa artística, bonita, ligada ao sexo – enquanto desaprova a pornografia, tida como grosseira, antiestética, simples apelação e vulgarização sexual.” [32]

A análise da autora do artigo questiona esse quadro descrito acima ao tirar o peso do biológico e mostrar o peso do cultural: “a partir da própria programação cultural imposta à mulher para que ela rejeite a pornografia. Criada para manter uma imagem de pureza, a mulher até poucas décadas teve que negar, rejeitar a sua própria sexualidade”. [33] Ela permanecia nesse argumento ao declarar que “a maioria das mulheres rejeita a pornografia ou o erotismo porque isso é o que se espera dela.” [34] Citou ainda que, baseando-se em outros autores, a pornografia feminina permitida era o romance. A autora sugeria, por fim, que o sucesso desse tipo de literatura entre as mulheres ocorreu por escapar das legislações e agentes repressivos, todos homens em sua grande maioria, que o excluíram da lista negra da pornografia, possibilitando a circulação de um “produto de excitação erótica permitido, divulgado.” [35]

O artigo era diferente das reportagens publicadas por Veja, primeiro pela temática e segundo pela argumentação. O local de onde a autora falava era seguro: como mulher para leitoras mulheres em uma revista segmentada, inclusive para uma determinada faixa etária. Ela não falava para a mãe, a dona de casa ou a senhora de idade, mas sim para a mulher jovem, possivelmente estudante ou recém-incorporada ao mercado de trabalho, e seu artigo mostrava que tais questões não estavam sendo debatidas na imprensa escrita semanal, dentre leitores homens e mulheres. Entretanto, ocupava outros setores da própria imprensa, o que evidencia que a setorização de determinados temas era uma forma de silenciar sobre essas práticas e debates mais aprofundados.

Assim, se a imprensa feminina esteve marcada pela presença de feministas como a jornalista Carmen da Silva na revista Claudia[36], articulando o debate não apenas sobre as questões políticas, mas privadas, Veja, por outro lado, não dava voz a outros setores da sociedade, mesmo que a questão passasse pela condição das mulheres, como o uso do erotismo na programação da televisão

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

brasileira. Dessa forma, os argumentos feministas não foram ouvidos ou incorporados ao debate promovido pela revista, o que poderia ter deslocado a discussão para além do senso comum.

No periódico feminista brasileiro Nós Mulheres as questões ligadas diretamente ao erotismo e pornografia não foram alvo das reivindicações e da pauta desses veículos de informação feministas. Já na Argentina, nos dois periódicos analisados, somente o Brujas trouxe com profundidade a discussão sobre pornografia de forma centrada e posicionada. O Persona ampliou as questões da sexualidade, porém sem levar a discussão para o campo dos prazeres e desejos, e de erotismo e pornografia nada falou.

De silêncios, ausências e deslocamentos, tanto a sexualidade quanto o erotismo/pornografia foram alvo de atual investigação, da busca retrospectiva por traços que remontam iniciativas e debates que incluíram ou não tais perspectivas. Mesmo diante da presença de um erotismo disseminado pela cultura da mídia nos dois países, somente um dos periódicos (de três) analisados tocou no tema. Porém lembramos ao leitor que este é um exercício de análise ainda inconclusivo. É justamente esse olhar de hoje que nos traz mais indagações do que respostas simplistas; pois outros espaços precisam ser analisados para que esta problemática ganhe espaço e seja pensada no que o movimento feminista do Cone Sul foi ontem, e principalmente, no que ele tem refletido atualmente.

[1] Professora colaboradora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

[2] Entrevista com Lucrécia Oller, realizada em 24/02/2007 em Buenos Aires por Ana Veiga. (Transcrição de Gabriela Miranda Marques).

[3] Entrevista com Leonor Calvera. (Transcrição de Ana Veiga).

[4] Ver BUNCH, Charlotte. Dando luz a un Feminismo Global (II). In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1985. Año: 6 – Numero: 12, p. 7 - 14. Acervo CeDInCI.

[5] Ver FONTENLA, Martha. Apontes sobre la politica sexual. In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1985. Año: 6 – Numero: 14, p. 34 - 39. Acervo CeDInCI.

[6] BERENGUER, Hesperia. Los magros traseros femeninos. In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1984. Año:2 – Numero: 4, p. 11 e 12. Acervo CeDInCI.

[7] BERENGUER, Hesperia. Los magros traseros femeninos. In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1984. Año:2 – Numero: 4, p. 11 e 12. Acervo CeDInCI.

[8] BERENGUER, Hesperia. Los magros traseros femeninos. In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1984. Año:2 – Numero: 4, p. 11 e 12. Acervo CeDInCI.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

- [9] La mujer fatal: pornografía finisecular? In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1984. Año:2 – Numero: 4, p. 21 – 30. Acervo CeDInCI.
- [10] La mujer fatal: pornografía finisecular? In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1984. Año:2 – Numero: 4, p. 22 e 23. Acervo CeDInCI.
- [11] La mujer fatal: pornografía finisecular? In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1984. Año:2 – Numero: 4, p. 23. Acervo CeDInCI.
- [12] La mujer fatal: pornografía finisecular? In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1984. Año:2 – Numero: 4, p. 23. Acervo CeDInCI.
- [13] La mujer fatal: pornografía finisecular? In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1984. Año:2 – Numero: 4, p. 26. Acervo CeDInCI.
- [14] SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (org.) Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 12.
- [15] SANT'ANNA, D. B. de. Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 66-67.
- [16] LEÃO, Juraci Andrade de Oliveira. Escrita, corpo e ação: a poética e a política de Adrienne Rich. In: Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. <www.fazendogenero8.ufsc.br>
- [17] Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1985. Año:4 – Numero: 10, p. 21-29. Acervo CeDInCI.
- [18] Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1987. Año: 5 – Numero: 11, p. 20-33. Acervo CeDInCI.
- [19] Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1987. Año: 5 – Numero: 11, p. 22. Acervo CeDInCI.
- [20] Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1987. Año: 5 – Numero: 11, p. 22. Acervo CeDInCI.
- [21] Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1987. Año: 5 – Numero: 11, p. 22 e 23. Acervo CeDInCI.
- [22] FONTENLA, Martha. Apontes sobre la política sexual. In: Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1985. Año: 6 – Numero: 14, p. 34. Acervo CeDInCI.
- [23] GREGORI, M. F. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e SM. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (orgs.) Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 237-268.
- [24] GREGORI, M. F. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e SM. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (orgs.) Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 237-268.
- [25] Idem, p. 238.
- [26] Idem, p. 238.

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

[27] Brujas. Boletim Feminista. Asociación de Trabajo y Estudio sobre la Mujer “25 de noviembre” – Argentina, 1984. Año:2 – Numero: 4, p. 01. Acervo CeDInCi.

[28] Em tese de doutoramento de Luciana Rosar Fornazari Klanovicz, há referências sobre algumas produções midiáticas que foram atacadas com veemência por leitores dentro da Veja, como sendo “afrontas” morais, entre elas os filmes “A última tentação de Cristo”. Ver KLANOVICZ, L. R. F. Erotismo na cultura dos anos 1980: censura e televisão na revista Veja. 2008. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

[29] ZIROLDO, Ângela. A mulher diante da pornografia. Nova. n. 87. p. 79-82. dez. 1980.

[30] Idem, p. 79. dez. 1980.

[31] Idem, p. 79. dez. 1980.

[32] ZIROLDO, Ângela. A mulher diante da pornografia. Nova. n. 87. p. 80. dez. 1980.

[33] Idem, p. 80. dez. 1980.

[34] Idem, p. 80. dez. 1980.

[35] Idem, p. 82. dez. 1980.

[36] Sobre Carmen da Silva, ver o trabalho de Ana Rita F. Duarte. Ver DUARTE, Ana Rita Fonteles. Carmen da Silva – o feminismo na imprensa brasileira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.